

CADAVRE EXQUIS

FERREIRA DE BRITO

(para a Fernanda Irene Fonseca, deste que foi seu aluno e agora é seu “aposentado” colega, que fica à espera de mais uma das suas muitas e apetecíveis gargalhadas ao autopsiar linguisticamente este “texto”)

O conceito clássico e romântico de “inspiração” desfez-se na revolução poética surrealista. O poeta deixou de ser um mal-amado, um pinga-amor, um ser de excepção marcado pelo ferrete do destino com uma fina sensibilidade, um cantor da Lua de Londres desmaiada e de um funéreo e tétrico *Noivado do Sepulcro*. Era uma espécie de sismógrafo que registava os mais finos abalos dos afectos, cantando e decantando o sofrimento de amores, sobretudo não correspondidos. Criar era para ele um acto solitário, mesmo que o poeta tentasse aterrar num apostolado social empenhado na transformação do mundo. Ensimesmado e umbilical, o poeta era um “voyant”, nunca um “voyeur”. Clássico, romântico, parnasiano ou simbolista, era sempre um ente sobredotado, que via para além dos tempos e dos espaços limítrofes e se consolava com uma fugidia fruição solipsista. O seu discurso onírico não passava de uma “rêverie”, de um sonhar acordado. Dores rimavam necessariamente com amores, de preferência infelizes, por escárnio dos deuses e humilhação dos homens, de que ele era médium. Mesmo que “maldita”, a sua poesia era um alívio metafísico, uma expiação catártica, uma mitificação do inacessível Sublime. A poesia era uma chispa de luz ciosamente roubada aos deuses olímpicamente distraídos.

Os surrealistas procederam a uma reviravolta na escrita poética. Criar deixou de ser para eles um acto individual e intimista no mais refinado dos silêncios onde mora a metafísica. A metáfora benigna e verosímil do romantismo estilhou numa inverosimilhança sem precedentes diacrónicos. O poeta perde o tom melífluo e desenxabido de tempos

idos e de gostos ressessos. Os surrealistas abandonaram a “rêverie” onírica e o sonho transformou-se em pesadelo. Não mais haveria lugar para poetas rendilhados e sonhadores, para poetastros “rimailleurs”, que procuram o efeito fácil e seduzem com a mentira engalanada da rima e do ritmo. Agora, o poeta assumiria um mundo de contradições, de paradoxos, de hipérboles, de euforias e disforias, de traumas e frustrações, que se debatiam nas zonas turvas do inconsciente individual e colectivo. Teria de mergulhar, com a ajuda de Freud, nas profundidades até então inexploradas do ser e do estar, do viver e do morrer. Os surrealistas passariam a explorar o inconsciente, dando preferência ao irracionalismo resultante do jogo indecifrável das pulsões libidinais, que escapam ao controlo racionalista e tentam fugir aos aristotélicos princípios da contradição, da causalidade e da finalidade.

O acto da criação seria pois mais do que um acto de recriação. Seria mesmo um pacto de agressão... Pelo que, a poesia enveredou por algumas experiências e práticas surrealistas da linguagem mediante processos de criação grupal, cujos “poemas” ficaram conhecidos como “cadavres exquis”. Neles triunfa a escrita (automática), colectiva.

Os que se seguem foram feitos nas aulas de Literatura Francesa na Faculdade de Letras do Porto em 2001-2002, que eu regia, e nele participaram como “autores” muitos alunos, que ignoravam, de todo, a forma e o conteúdo dos versos precedentes, em que o seu se entrosava na constatação de que o absurdo pressuposto pode desaguar na lógica mais chã.

Diríamos que aconteceu poesia numa experiência poética que revela um enorme potencial de associações livres, em catadupa, compondo no plano “autoral” um texto estranho, mas prenhe de sentidos a recriar-se.

I

não esquecer: hoje é sempre o primeiro dia do resto da nossa vida
lá dizia o poeta: mudam-se os tempos, mudam-se as vontades
ele vem depressa no silêncio
o dia do juízo final chegou
olha o mar engolindo uma baleia
hoje a alma dos homens está mais escura
a aranha do rei comprou bolotas no chão das masmorras
estou com uma constipação levada dos diabos
o sol é a luz da verdade que ilumina a arte
hoje a alma dos homens está mais escura
literatura é juntar as letrinhas

vou dormir no meu corpo
agora é tudo belo e calmo à luz sombria
o calor do sol entontece-me
as memórias não passam de saudades
ratazana não sou porque gosto de peixe
se não existíssemos, tínhamos de ser inventados
que pena, o outro não ser como este!
às cinco vou-me embora
desfrutemos de uma forma melhor este dia
limito as linhas do horizonte
as palavras são como balões suspensos no ar
o sol brilha e a chuva cai
o céu acordou hoje tão calmo
não sei onde estou nem para onde vou
os teus olhos são duas rosas
acendo o pisca-pisca dos teus olhos
bombons e alegria
oh!... les beaux jours!...
a marquesa no seu balcão esperava ansiosa
o surreal chega até nós
quanto mais penso na morte, mais medo tenho de viver

II

essa língua é uma espada
a luz está morta, muito morta
é longa a caminhada, curto o tempo de vida
quantas luminosas ideias por aqui passam
porque o sol disputa a vida em mim
e tudo isso é lindo como um raio de luar
ah! como é bom rir, rir, ser muito alegre
o rio atravessa os campos verdes
olhando este céu sem fim
porque o sol disputa a vida em mim
minha couve galega, o sol nasce
numa manhã de inverno rigoroso
o sol brota pela janela
é uma maravilha pôr estes miolos a pensar
o sol cozia a panela
uma aula a rir

no livro aberto da minha vida
nunca mais acaba a aula
querendo sair não posso
e tudo estava escuro
o amor é o sentimento da decadência
a vida é repleta de alegrias e tristezas
a noite tinha a cor dos teus olhos
a vida é cheia de enigmas
sou o que sou quando não penso

III

hoje estou com muito frio
a música é um cristal de cores
pensar... para quê?
nunca mais chega o fim da aula
arrepio quente de frio
na solidão de uma noite
o mar é a vida que a praia espera
as vacas loucas são todas prostitutas azuis
faz-me cócegas no ouvido
a vida é uma experiência desgastante
um caos total
que dia tão insuportável!
branco é galinha o pôe
amanhã a vida correrá melhor
como um barco sem remos
a hipocrisia é essência da sociedade
quero tudo o que ainda não tenho
laboriosa produção... ou canção!
o sol brilha lá fora
não me partas as pernas ao descer
e de súbito fez-se luz!
aqui só há mentes truculentas
rapidamente matar a ausente
aquele mar eterno para eternidade me levou
perdida na imensidão do mar
foi de repente que senti aquele vazio
a minha cadela está com cio
e foi uma explosão nas ruas desertas